

« **Uma delícia de livro, um universo infinito de informação** », Mara Rúbia Sant'Anna

FAU, Alexandra. **Des métiers de la mode aux maisons d'art**. Rennes/FR : Editions Ouest-France, 2009.

É simplesmente um livro lindo, desses que não cansamos de olhar e folhear, pois a qualidade do papel, das imagens e seus conteúdos são sedutores.

A autora é uma historiadora da arte, responsável por exposições e críticas de arte contemporânea. Em 2006 ela publicou uma outra obra relacionada ao mundo da moda: “Histoire des tissus en France”, o que lhe rendeu duas exposições com a temática nos anos de 2008 e 2009: “Subtil textile”, realizada na Galeries Lafayette em Paris e “En découdre”, apresentada em Toulouse, nas dependências na Fondation Ecureuil.

Este livro demonstra claramente a pesquisa profunda e as sólidas relações estabelecidas com o mundo da moda na sua dimensão mais luxuosa. Toda a obra está estruturada sobre um tripé que contempla: criação, produção e consumo dos objetos que compõe o universo do vestir e do parecer. Em 5 capítulos a autora percorre a história destes objetos desde a Idade Média, quando é o caso, até o presente, passando pelos mestres do passado e de hoje, as técnicas utilizadas e as transformações tecnológicas sofridas, sem esquecer a sociedade que os consumiu e os admirou e mesmo os preços praticados. Desta forma, o livro introduz o leitor ao conhecimento das tendências de moda, das personagens importantes que ditaram significantes transformações na forma de se vestir e parecer, como ainda, nos permite conhecer os processos complexos e delicados implicados na produção de tecidos, tingimentos, chapéus e outros adereços como plumas, luvas, leques, fitas, botoes, flores, perucas, rendas, bordados, sapatos e todas as profissões que envolvem a produção destas maravilhas inesquecíveis.

A autora não se preocupou em apontar metodologias de pesquisa ou referenciais teóricos adotados ao longo de seu trabalho. No entanto, se observa pelo conjunto da obra que seu trabalho foi resultado de uma longa pesquisa iconográfica, onde telas de diferentes épocas e autores deixaram indícios para as suas deduções e conclusões, acompanhada da leitura de obras de séculos passados, onde detalhes insuspeitos foram narrados, como os valores de certas peças e serviços. Concomitantemente, ela visitou ateliês, entrevistou profissionais renomados, indagou sobre suas técnicas e tradições e, por meio de uma escrita muito agradável e instigante, propôs sua síntese de um mundo que a fascina e que se encontra a disposição do leitor de seu livro.

Entre tantas coisas fantásticas que o livro faz descobrir, pode-se citar algumas que certamente surpreende a muitos dos estudiosos da moda.

No primeiro capítulo: “La sublimation de l'étoffe” se descobre que num ateliê de um mestre tintureiro existem 45 cores centrais e a partir destas são realizadas 75 mil nuances. Além disso se pode conhecer as cifras atuais de quantas empresas e empregados estão hoje alocados na França neste elo da cadeia têxtil. O processo de tingimento, estamparia

e criação de texturas, com seus diferentes profissionais são descritos de maneira que um apaixonado pode compreender sem dificuldade. E citando Mathieu Le Tessier como um dos grandes nomes do setor na atualidade.

O próximo capítulo: “Coupé-cousu” nos leva a descobrir que data do século XVII a autorização dada por Luis XIV às mulheres de exercerem a função de costureira. Anterior a esta data, apenas escondidas e disfarçadas de simples *lingères* elas podiam exercer sua profissão. As *lingères* eram mulheres contratadas para realizar as roupas brancas e íntimas de uma família e seu serviço incluía a lavagem e passagem a ferro das roupas mais requintadas. O métier do corte e costura tem muitas histórias interessantes a descobrir e que implicam no próprio desenvolvimento das concepções do corpo humano, da tecnologia têxtil e industrial, além de uma especialização profissional que faz da “modista” a figura mais recente nesta progressão.

Alexandra Fau indica o atêlie “L’Escalier d’Argent” do alfaiate André Guilherme-Guilson como um dos endereços a serem buscados, pelos afortunados, para adquirirem *pourpointiers* (ancestral do colete) feito aos moldes do século XVIII. Neste capítulo ainda, a autora nos leva a compreender como os corpetes se desenvolveram e se transformaram ao longo dos séculos.

Terceiro capítulo: “Les faiseurs de mode” nos introduz ao universo da produção do novo propriamente dito, ou seja, como gradativamente de mestres artesãos foi surgindo a profissão incumbida de propor o novo à sociedade, isto é, o modista. Esta história tem origem numa corporação de ofício bastante plural, os *merciers*. Estes oficiais do vestir podiam tanto produzir como vender os mais diferentes produtos ligados a vestimenta, especialmente todo tipo de acessório. Ao longo do século XVIII eles foram abandonando a fabricação para se especializar na comercialização dos produtos, com um diferencial do mercador comum, eles vendiam apenas o que havia de mais novo, diferente, especial, luxuoso. Destes profissionais do gosto e do novo surgiram então os primeiros templos da moda, no século XIX, os “*magazines de nouveauté*”, ou seja, as lojas de departamentos, como “*Le Bon Marché*”, “*La Samaritaine*” ou “*Gallerie Lafayette*”, até hoje presentes no comércio francês e em mais outros tantos cantos badalados do mundo afora. Pode-se ampliar a leitura desta história em Renato Ortiz, no livro *Cultura e Modernidade*, 1996.

Ainda neste terceiro capítulo pode-se ler a respeito dos fazedores de fitas, *rubanniers* que mais que fazer fitas, desenvolviam tecidos com os mais diferentes motivos e neles está a origem dos tecidos com texturas densas, como o crepe de china. A cidade de Saint-Etienne foi o lugar por excelência desta produção fantástica. Também pode-se conhecer sobre os fabricantes de bonés, que além disso faziam luvas, meias, pantufas, camisolas e calcinhas. As meias por eles fabricadas são dos produtos mais fascinantes, com aplicações de verdadeiras obras de arte, estas meias cubriram as pernas de reis e nobres dos mais distintos e hoje se encontram nos museus, como o Museu de Troyes.

No capítulo quatro, “*Mille et unes fantaisies de la mode*”, Alexandra Fau nos fala destes pequenos detalhes que vemos e sempre nos perguntamos, como podiam fazer isto?

## Modapalavra E-periódico

Inicialmente o leitor pode se admirar das estratégias e complexidade na realização de flores artificiais ou no uso de arranjos florais frescos para adornar as cabeças de outrora. Para o caso de um arranjo com flores frescas eram utilizados, no século XVIII, pequenos frascos curvos que se adaptavam à cabeça, onde as flores eram colocadas e assim se mantinham vivas por mais tempo. Até 1738 todas as pétalas e folhas que compunham um arranjo artificial eram cortadas à mão sem a ajuda de um molde. A criação destes instrumentos que cortam folhas, pétalas e outros elementos, ainda hoje utilizados, só foram difundidos a partir do fim do século XVIII. Hoje Séverina Lartigue, uma das mais renomadas floristas francesas, ao lado das Maisons Guillet, Légeron ou Lemarié, garante que as criações de alta-costura possam contar ainda com esse delicado e encantador recurso.

Neste capítulo, além dos floristas, os peruqueiros são citados. Entre tantas informações, descobre-se que no fim do século XVIII era costume utilizar três tipos diferentes de perucas por dia, uma preta pela manhã, uma castanha pela tarde e a noite e especialmente para as festividades, devia-se usar uma loira. Todavia, ainda nos anos 1920, perucas de um verde acinzentado fizeram muito sucesso e nos permite refletir que sempre há lugar para algumas excentricidades quando o assunto é moda.

Na continuidade do capítulo, é tratado sobre os plumeiros, ou seja, os profissionais que desenvolviam os mais diferentes tipos de chapéus e adereços de cabeça a partir do emprego de plumas e penas. Este tipo de aviamento foi comum na Idade Média na cabeça de militares e na decoração da cavalaria. Foi somente a partir do reino de Louis XIII que as mulheres tiveram o direito de usar plumas em seus chapéus e os profissionais responsáveis pela criação de chapéus com plumas e outras decorações capilares passaram a se chamar “plumassiers de panaches”. Essa herança está controlada pela Maison Lemarié que, desde 1880, produz os mais diferentes acessórios de moda, utilizando plumas e penas de todas as origens e preços. Com o uso de pequenas facas e de diferentes banhos de vapor, as penas são preparadas para a estocagem ou aplicação imediata. Os chapeleiros fazem parte deste universo, mas com suas especificidades. Inicialmente sua corporação era dividida conforme o material que utilizava para a confecção do chapéu, porém, depois se tornou uma só e passou a dividir seu trabalho com as modistas, que reivindicaram o direito de confeccionar chapéus também. Ambos trabalham a partir de um molde em algodão, cortado em viés que, umidecido, é ajustado a uma cabeça de madeira. Após a secagem este molde servira de base para a confecção do chapéu, onde um tecido mais encorpado, flores ou outros elementos decorativos serão reunidos e fixados cuidadosamente.

Dentre tantas coisas a serem lidas, pode-se descobrir como se denomina o chapéu de palha encoberto de um fino tecido e seu criador: o nome Lamballe, criador Rose Bertin, costureira da rainha Maria Antonieta é uma das primeiras estrelas de moda. Hoje a Maison Michel, 1936, é especializada em criar chapéus à Paris. O chapéu de feltro, feito a partir do calor, que ajuda a moldar o feltro, tem como reis Lorenzo Ré e Tino Ré, também na capital francesa.

## Modapalavra E-periódico

Capítulo seis “Dernières touches d’élégance” é, como o próprio título sugere, o momento de falar dos acabamentos, das pequenas coisas que se agregam na produção da vestimenta e que produzem a elegância como a conhecemos hoje. Inicialmente é tratado sobre as luvas e seus artesãos. A partir do século XII este artefato comum na idade média como um necessário instrumento de trabalho, começou a ganhar e dar status. Quanto mais refinada e requintada era a luva mais elevado era aquele que a usava na sociedade. Seus valores altíssimos ajudavam a manter a distinção social. Além disso, apenas mãos dispensadas do trabalho brutal podiam se dar ao luxo de ser envelopadas em tecidos tão delicados e em trabalhos tão primorosos. Devido a esta condição distintiva, muitas vezes luvas luxuosas foram ofertadas como presentes diplomáticos ou de casamento, como no caso de Henriette de France (1609-1669) que ganhou seis pares de luvas ornadas de pedras preciosas e pérolas pela ocasião de seu casamento. Além disso, ter luvas era um meio de disputa entre os nobres: Anne d’Autriche (1601 -1666) possuiu 300 pares de luvas, enquanto, em 1387, o Rei Charles VI comprou 351 pares somente naquele ano.

O profissional luveiro era também um especialista na preparação da pele ou couro que serviria para cobrir as mãos. Diferentes técnicas de curtimento eram aplicadas ao couro ou à pele, conforme a parte da luva a que a matéria serviria.

Tanto o uso das luvas como dos leques tinha regras de etiqueta a seguir. Algumas delas se conservaram até hoje, como a de que cumprimentar alguém com luvas não é de bom tom, pois anteriormente este era um gesto que indicava se tratar de uma pessoa socialmente inferior, para quem não era necessário retirar-se as luvas ao cumprimentar.

Atualmente há ainda Maisons famosas por sua produção de luvas: Causse, fundada em 1892 na cidade de Millau, fornece para Hermès, Chanel e Vuitton e Maison Agnelle, da cidade de Saint-Junien.

Continuando a olhar as mãos de outrora, Fau narra sobre a criação, produção e consumo de leques na corte francesa a partir do século XVI. A confecção deste objeto, que somente no século XIX adquiriu uma consideração de arte, passava por vinte diferentes profissionais. Começava pelos desenhistas, que tinham que dominar diferentes técnicas para a reprodução da gravura, assegurando que o rosto de uma figura não ficasse cortado com o movimento do leque, e continuava por dezenas de outros até chegar quem daria a finalização mecânica da estrutura que faz um leque.

Os modelos são diversos. O tipo “brisé” consiste em folhas independentes entre si e que são ligadas por uma fita, o tipo “plié” é o mais conhecido, aquele que abre estampando um único desenho; o tipo “écran” é feito de uma única folha e não se articula, permanecendo sempre aberto como uma tabuleta. Muitos dos desenhos usados nos leques indicavam eventos marcantes, como o nascimento de um herdeiro do trono ou, bem mais tarde, publicidades e anedotas.

Hoje, a Maison de Hervé Houguet, herdeira de uma tradição inaugurada pelas maisons do século XIX: Aubain, Lepault, Desrochers, Duvelleroy, Kees, fornece os leques que

## Modapalavra E-periódico

circulam em elegantes mãos, muitas vezes com a logo de Dior, Gaultier, Lacroix, Nina Ricci, Torrente etc. Todavia, a realeza européia não adquire leques senão assinados pela Maison Alexandre, também situada em Paris.

Ao lado de luvas e leques as rendas faziam a distinção e alegria dos reis e como aqueles ocuparam profissionais do luxo por séculos. Muitos tipos foram produzidos na França, mesmo a renda de bilro tão conhecida na Ilha de Santa Catarina. Esta em francês chama-se “dentelle au fuseau”, feita sobre uma almofada e usando de um molde. Foi uma especialidade da cidade de Puy-en-Velay. Dos modelos mais requisitados e caros, estavam as rendas de Alençon que precisavam de 10 a 19 horas de trabalho para produzir um centímetro ao quadrado. Todos os modelos e tipos feitos à mão foram, a partir de 1850, incorporados pela indústria, especialmente à Calais, no norte do país.

A Maison Riechers-Marescot fornece, atualmente, para as casas de Alta-costura rendas produzidas mecanicamente e Mylène Salvador-Ros, condecorada como a melhor operária de France e Mestre de Arte, continua a confeccionar prodigiosamente a renda de Puy-en-Velay à mão.

Os dois últimos temas deste livro fascinante são o bordado e a produção de calçados.

Nos primeiros séculos da Idade Moderna o bordado era comparado à pintura, tal sua capacidade de reproduzir com perfeição o mundo natural. A partir do século XVII foi proibido bordar com ouro, ficando este tipo de excesso permitido apenas para as vestes eclesiásticas. Isso resultou num aperfeiçoamento ainda maior do bordado em pontos distintos e usando de outros fios. O crochê conhecido hoje em dia é uma técnica descendente do bordado.

Dentre as Maisons du luxo é a Lesage, que comprou a maison Michonnet de 1859, a responsável pela produção dos mais requintados e interessantes bordados presentes nos modelos da Alta-Costura francesa.

A produção do calçado é a última a ser abordada no livro e indica que, como as demais, sustentava em torno dos métiers algumas centenas de profissionais. O sapateiro ou cordonnier era o mestre desta arte, responsável pela produção do calçado novo e da produção das formas que fariam de cada sapato um objeto de exclusividade de seu portador. Abaixo dele, como o primo pobre desta história, se encontrava o savetiers, cuja função está restrita ao conserto do calçado. O cambreur era o responsável pela produção do tecido ou couro que iria compor o calçado, enquanto o salto tinha como profissional especializado o talonnier. Este profissional somente começou a produzir saltos para os sapatos femininos a partir do século XVIII, pois antes as mulheres deviam se conformar com os solados plenos. Durante o século XIX a tendência das ballerines fez as mulheres a se recolocarem mais próximas do chão.

Atualmente as grandes marcas de calçado de luxo são assinados por Perugia, uma família de produtores de botas, nascida em Nice e no mercado desde 1893. Ao lado deles, Raymond Massaro, em 1894, fundou sua célebre maison que até hoje produz os

## **Modapalavra E-periódico**

mais desejados sapatos do mundo. Massaro é o responsável por criações incontornáveis, como a sandália Chanel bege com ponta preta.

Neste capítulo como em todos os outros os detalhes e curiosidades relatadas não apenas entretêm o leitor, indicam-lhe com clareza que o consumo do vestuário é uma porta bastante generosa de compreensão da vida em sociedade. Lamentavelmente, numa resenha não cabe o relato de tantas preciosidades.

O livro nos deixa pistas para continuar se encantando com o universo da aparência corporal, pois indica uma bibliografia importante, sites de museus e nomes que nos convidam à pesquisa, à descoberta. São alguns deles: (livros) *Légendes et curiosités des métiers* de Jean-Cyrille Godefroy, 1999 ; *Actes de colloque «La mode, ses significations et sa représentation sociale et symbolique* , 2003 ; *Le chapeau : grand art et savoir-faire* de Eliane Bolomier, 1996 ; *L'Art de la passementerie et sa contribution à l'histoire de la mode et de la décoration* de Catherine Donzel, 1992 ; *L'art du vent* de Philippe Mesmer, 2002 ; *Trame, chaîne et maille en Roannais* de Jacques Poisat, 1993 ; *Rose Bertin, ministre des modes* de Marie-Antoniette de Michèle Saponi, 2003 ; *Bijoux de tête, Chaumet, de 1804 à nos jours* de Diana Scarisbrick, 2002 ; *Les métiers de l'élégance* de M. Simon e outros autores, 1996 ; *Les plis* de Nadine Vasseur, 2002 e (sites) Musée National de la Renaissance de Ecouen; Musée National de la Coopération franco-américaine de Blérancourt; Musée International de la chaussure de Romans-sur-Isère ; Musée du chapeau de Chazelles-sur-Lyon ; Musée de la bonneterie em Troyes ; Musée Lambine tem Versailles.